

Edição nº 45 | Setembro 2020



Revista

bué fixe

de jovens para jovens



EMPREENDEDORISMO COMO AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA

Entrevistas: Royal Skuare
Bazofo & Dentu Zona

Malala Yousafzai

Os Limites da Resistência
Humana

Nota Editorial

Perante estes tempos difíceis e estranhos, onde impera a dúvida é necessário acima de tudo refletirmos sobre o nosso percurso daqui para a frente e numa nova fase de resiliência, lançamos Setembro sob o tema do Empreendedorismo dentro de um coletivo identitário, com **Romana Mussagy** - estilista, e criadora da marca da **Royal Skuare** e **Vítor Sanches**, a mente por trás da comunitária **Bazofó & Dentu Zona** que nos falaram sobre os seus próprios conceitos.

Em **Ideias e Personalidades que Valem a Pena** homenageamos Malala Yousafzai, a mais nova pessoa a ser reconhecida com um prémio Nobel e um símbolo da importância da educação.

Na secção **Sabias que?** Abordamos os limites da resistência humana perante fatores naturais.

Boa leitura!

Maria Fernandes

Ficha Técnica

Redação: Carla Veiga, Maria Fernandes

Ilustração: Aicy Fernandes

Design e paginação: Va Nancassa

Edição: Maria Fernandes



ACM

ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES, I.P.

Sabias Que?

OS LIMITES DA RESISTÊNCIA HUMANA

Qual é a real capacidade do ser humano adulto de adaptação às situações mais extremas?

Calor corporal

Quando a temperatura interna corporal atinge os 42 graus a hipertermia é praticamente irreversível e torna-se fatal.

Ar quente

Num edifício em chamas, um adulto resiste cerca de 10 minutos a 150 graus.

Água fria

Num mar a 4 graus, resistimos apenas 30 minutos. Um colete salva vidas ajuda a abrandar a

perda de calor

Imersão profunda

A maior parte das pessoas, sem equipamento, desmaia antes de passar 2 minutos abaixo dos 18 m de profundidade

Grande altitude

Uma pessoa normal e sem treino perde os sentidos a uma altura de 4.500 metros, no entanto, habitantes das terras altas não são tão afectados.

Falta de oxigénio

A maioria das pessoas, ao fim de 2 minutos sem ar, desmaia. No entanto, com treino, é possível sustentar a respiração durante 11 minutos

Perda de sangue

Com uma perda de 30 % de sangue ainda é possível sobreviver, mas 40 % já será necessária de uma transfusão urgente.

Fome

Uma pessoa pode sobreviver até 45 dias sem comer. Se perder 30% do seu peso corporal será fatal.

Sede

Ninguém sobrevive entre 5 a 7 dias sem água. Todas as células precisam de água.

As mulheres grávidas são especialistas em resistência. Vivem quase no limite do que o corpo humano pode suportar.

O EMPRE

DORISM

AFIRMA

IDENTIT

RENDI- LO COMO ÇÃO TÁRIA

Romana Mussagy

“Hard work everyday... Mostrar ao público o nosso trabalho”

Falámos com **Romana Mussagy** - estilista, empresária e criadora da marca da **Royal Skuare**, marca fundada em 2009 e que celebra essencialmente a Afro Street Culture, com peças de qualidade topo com influências urbanas juntando a capulana à mistura.

A **Royal Skuare** trabalhou em parceria com alguns artistas musicais urbanos tais como Bdjou ou Dj Maskarilha entre outros.





Fala-nos um pouco do teu percurso até chegares à criação da Royal Skuare

Sempre quis criar algo a ver com moda, criar a minha própria marca. Quando era miúda fazia vestidinhos para minha Barbie e depois mais tarde para as Barbies das minhas amigas. À medida que fui crescendo, fui fomentado na minha mente a ideia de criar algo relacionado com moda e como na minha família o tecido habitual eram a capulanas muito cedo apaixonei-me por elas... as suas cores e padrões. Comecei a pedir à minha tia para me ensinar a costurar e aos poucos fui aprendendo sobre modelagem, corte e costura.

Aos 21 anos inscrevi-me na Magestil, onde tirei o curso de Design de Moda. Fiz estágio em alguns ateliers de outros designers, onde aprendi a gerir stocks, gerir uma pequena marca, a gerir as minhas criações e perceber o que pode ser comercializado ou não... Neste momento sinto que tudo o que fui fazendo ao longo da minha vida era para fazer o que faço...

Como foi no início? Quais as maiores dificuldades que sentiste?

No início de marca, e por mais conscientes que estejamos de todas as hipóteses, é tudo avassalador... percebes que investiste o teu sonho, o teu dinheiro, o teu tempo e queres que tudo corra bem. Mesmo com um business plan tens de tentar perceber o mercado e encontrares o teu espaço nele. Quando comecei, pouco se falava em microempresas, então tive de pesquisar muito sobre tudo... marketing, finanças, apoios a pequenas empresas e negócios... tinha de estar em todas as frentes para garantir que tudo corria como era suposto. Nem sempre correu... mas temos de ter a capacidade de nos reinventarmos.



A Royal Skuare já tem notoriedade no que toca a ser uma marca urbana independente, sentes que houve algum fator decisivo para isso?

Hard work everyday... Mostrar ao público o nosso trabalho. Nós fazemos uma produção pequena de cada peça que criamos. Consideramo-nos uma slow fashion... não fazemos criação em massa porque não acreditamos nisso. Nunca foi essa a intenção da marca... Acreditamos na qualidade e constantemente pesquisamos a melhor forma de levar o nosso produto ao cliente. Os nossos clientes sabem que quando nos compram uma peça, estão a comprar uma peça de qualidade e edição limitada... ou seja, as probabilidades de encontrar alguém com a mesma peça são muito baixas.

Como é um dia na gestão da Royal Skuare?

Super busy... desde ter com fornecedores, experimentar materiais, estar com clientes, reuniões com potenciais representantes da marca, gerir stocks, redes sociais, etc... como temos produção própria, isso significa fazer a peça desde o desenho, modelagem, corte e confecção. Estar sempre de um lado para o outro... mas também há dias calmos em que passo o dia a criar, depende do dia, mas normalmente é acordar cedo e dormir tarde!

Numa incursão de vida ligada às artes, há sempre sacrifícios envolvidos, sentes-te apoiada pelo teu meio familiar?

Na minha família isso nunca foi um problema...muito pelo contrário! Sempre me incentivaram a ir atrás do que quero. Nunca ouvi ninguém dizer «não faças isso, faz aquilo!»... acho que mesmo que me tivessem dito eu teria seguido o meu caminho como sempre quis.



A Royal Skuare envolve mais pessoas? Quais as funções?

Na verdade não somos uma equipa muito grande, temos a parte de criação que sou eu quem supervisiona todos os processos, neste momento e devido ao crescimento da marca já produzimos muito fora do nosso atelier, contamos com a colaboração de outras costureiras que trabalham no seu próprio atelier de maneira a termos a colecção pronta a tempo. Tenho uma super colaboradora que trata da parte de divulgação, redes sociais... e que acaba também por fazer mais de tudo. Trabalhamos com designers gráficos, fotógrafos, modelos e ao longo do tempo fomos adicionado todas essas pessoas ao nosso círculo.



“ Provavelmente nunca estarei satisfeita porque quando eu concretizo um objectivo traço logo outro para nunca estagnar ”



Sentes que os teus produtos têm uma identidade muito própria, ou vais de acordo com as tendências dos tempos?

Óbvio que vou vendo o que sai pelo mundo fora, gosto muito da minha profissão, conhecer novos criadores... há coisas com que nos identificamos, outras nem por isso, mas a Royal já tem a sua identidade e criamos muito consoante a nossa criatividade e nosso feeling. Tenho peças criadas que nunca chegaram ao público por vários motivos e outras que esgotaram super rápido... acho que é um misto das duas coisas que torna a Royal Skuare o que é.

Os desfiles da tua marca contam sempre com a presença de caras familiares, algumas ligadas às artes, dança, música e também ao ativismo social, consideras que a tua marca carrega também uma intenção de consciência social cultural e comunitária?

Eu cresci rodeada de arte, música e trabalhei durante muitos anos na área social, por isso acabamos por conhecer certa pessoas que acabam por nos acompanhar ao longo da vida... normal que eles partilhem a concretização dos seus objectivos deles comigo e eu com eles... sou muito inspirada pela música, pintura e todo o tipo de artes à minha volta, principalmente toda a cultura urbana que é mesmo a minha «cena».

De que forma a tua marca é uma ferramenta de conquista pessoal e colectiva perante as próprias comunidades?

A Royal Skuare apesar de estar num bom caminho ainda não está onde quero que esteja... aos pouco hei-de lá chegar, apesar de ter obviamente orgulho de tudo o que construí como ser humano e em constante evolução, mas provavelmente nunca estarei satisfeita porque quando eu concretizo um objectivo traço logo outro para nunca estagnar. Em relação às comunidades não sei... na verdade nunca perguntei isso a ninguém... mas fico contente quando as pessoas que cresceram comigo no meu bairro me dão props pelo trabalho que tenho desenvolvido ao longo destes anos.



Que planos tens para o futuro?

Neste momento estamos a trabalhar no site, há planos de expansão e desenvolvimento de parcerias, seja com artistas como com outras marcas e criarmos uma maior rede de representatividade nalgumas lojas que nos interessa lá ter o nosso produto.

Alguma mensagem especial aos futuros empreendedores?

Serem obstinados, evolutivos no vosso produto. Às vezes não precisamos de muito para criar algo do nada!





Fotos da Facebook Royalskuare

business.facebook.com/royalskuare
[instagram.com/royalskuare](https://www.instagram.com/royalskuare)



LOJA DENTU

· CAFÉ · LI

· MÁSCARAS

· SACOS DE PA

Vítor Sanches

"O processo de criação tem de ser inspirado na comunidade, cultura e história. Isso é a base."

Vítor Sanches, criador da **Bazofo & Dentu Zona**, marca auto-sustentável com raízes fundas na comunidade da Cova da Moura, explicou à Bué-Fixe a história e conceito por trás da ideia.

Da Cova da Moura para o Mundo

Conta-nos como e quando é que surgiu a marca Bazofu e posteriormente o sufixo “& Dentu Zona”?

Tudo começou com a abertura da Tabacaria Tropical em 2015, que foi uma pequena loja de bairro. Tínhamos carregamentos de telemóvel, pagamentos de serviços, fotocópias e impressões, livros africanos, t-shirts da loja e bijuterias. Tínhamos também grupos de leitura infantil, havia um cineclube de filmes negros e conversas sobre temas atuais e relevantes para a comunidade da Cova da Moura e outras comunidades parecidas. Em 2016, numa conversa entre amigos que surgiu a ideia de criar uma marca de roupa de nome **Bazofu**. “Bazofu” quer dizer uma pessoa com estilo e atitude. A ideia era criar uma marca sustentável com raízes na cultura da Cova da Moura e trabalhar com as costureiras da Cova da Moura. No ano passado fiz um mercado na Cova da Moura e também comecei a organizar eventos culturais aqui. Este ano fiz um crowdfunding (<https://www.gofundme.com/manage/atelier-de-serigrafia-para-a-cova-da-moura>) para abrir um atelier de serigrafia que vai estar pronto em breve. **Dentu Zona** é um projecto cultural que agrupa todas estas actividades e também é o nome da loja onde vendo os produtos da Bazofu,

literatura de autores negros (também literatura infantil) e produtos de criadores locais. Dentu Zona quer dizer na zona.

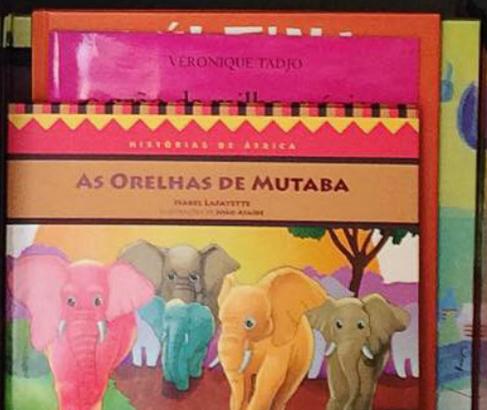
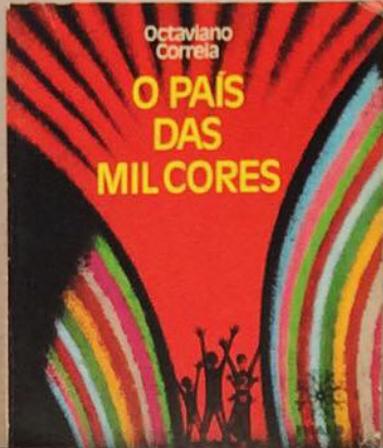
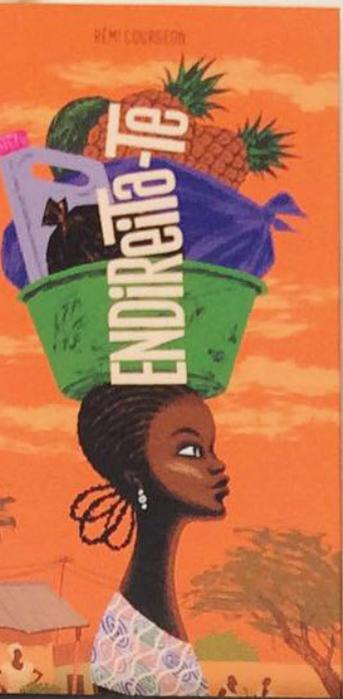
Existe algum conceito por trás da Bazofu & Dentu Zona?

A ideia é tentar contribuir para o empoderamento das pessoas da Cova da Moura e outras comunidades negras. O projecto tem como princípio “Djunta Mô” que literalmente significa juntas as mãos e é um conceito cabo-verdiano de entreaajuda, juntos somos mais fortes. O meu objectivo é também trabalhar de uma maneira mais sustentável possível. As t-shirts são de comércio justo e feitas de algodão biológico e na serigrafia vou utilizar tintas ecológicas.

Fala-nos um pouco do teu percurso antes da criação da Bazofu & Dentu Zona

Vivi muitos anos em Londres mas quis voltar para o sítio onde nasci e cresci. Voltei para a Cova da Moura com a ideia de fazer alguma coisa na comunidade. Depois de alguns anos a trabalhar em vários sítios abri a Tabacaria Tropical. De profissão sou electricista.

A Bazofu & Dentu Zona tem ganho cada vez mais adeptos, como vê essa notoriedade a crescer cada vez mais







e o que esperas de futuro?

Fico feliz pelo interesse e pelos links que surgiram por esse trabalho. Por exemplo ultimamente tenho recebido visitas de pessoal dos outros bairros que vêm comprar livros ou outros produtos na loja Dentu Zona mas também para trocarmos ideias e planejarmos actividades. Espero que no futuro possa crescer, aprender mais e continuar a trabalhar da mesma maneira com as pessoas da Cova da Moura e outras comunidades e juntando actividades culturais e activismo. O próximo passo é abrir o atelier de serigrafia para fazer as t-shirts da Bazofó e oferecer serviços de serigrafia acessíveis para outras pessoas, projectos e coletivos. No futuro gostaria de poder empregar algumas pessoas.

Achas que existe uma consciência ou responsabilidade social na criação de arte nas suas variadas formas?

Acho que sim. Não me considero como artista, mas para mim é natural ligar o meu trabalho com activismo e tentar contribuir para uma sociedade mais justa. Temos andado sempre a mostrar a nossa posição em relação às discriminações e as injustiças na sociedade, acho que é o meu dever como membro de uma comunidade discriminada e como cidadão.

Como aplicar isso ao teu conceito enquanto empreendedor e criador de uma marca de vestuário?

Aqui na Cova da Moura a comunidade é muito discriminada e mal entendida pelos media e instituições como a escola, a polícia e a câmara municipal. Isso não se muda com uma marca de roupa ou uma loja mas tento fazer a minha parte empoderando a comunidade. Uma parte importante é ter na loja Dentu Zona literatura anti-racista, feminista, anti-colonial e literatura infantil em que as crianças negras se vejam. As t-shirts da Bazofó têm nomes que referem de uma forma positiva à cultura de Cabo Verde e da Cova da Moura. A t-shirt mais popular chama-se Djunta Mò e transmite a nossa unidade. Também trabalho com as costureiras da Cova da Moura. Optei ainda por utilizar t-shirts feitas de algodão biológica para diminuir o impacto ambiental. As t-shirts também são muito duráveis e de boa qualidade, a ideia é

utilizar a t-shirt para evitar consumo tipo fast fashion. Têm também o certificado Fair Wear que significa que as pessoas que produzem as t-shirts recebem um salário digno e os direitos delas são respeitadas.

Como vêes a indústria da moda em Portugal? Vês-te parte da mesma?

Confesso que não sigo muito a moda, mas estou interessado nas marcas e iniciativas sustentáveis. Mas vejo o trabalho que faço mais no contexto de marcas socialmente conscientes criadas por outras pessoas negras e/ou imigrantes globalmente. Espero que no futuro os criadores, artistas e modelos racializados em Portugal tenham mais reconhecimento, oportunidades e visibilidade.

A ideia de auto-sustentação como marca e projecto é algo que sempre procuraste?

Sim. A Bazofó é uma marca muito pequena e trabalhamos com poucas quantidades para manter o projecto sustentável. A serigrafia também é um passo para essa direcção.

Quais as dificuldades / desafios que sentes em relação ao teu trabalho?

Acho que são as mesmas dificuldades que muitos negócios pequenos têm. Às vezes as coisas acontecem mais devagar que eu queria. Mas as pessoas têm tido muita compreensão e têm me dado muita força.

Como é o teu processo de criação desde a ideia inicial à concretização do material físico?

O processo de criação tem de ser inspirado na comunidade, cultura e história. Isso é a base. Trabalho em conjunto com uma graphic designer que depois cria as imagens a partir dessa base. Agora vou começar a fazer as estampagens em serigrafia artesanal aqui na Cova da Moura. Há algumas t-shirts que são modificadas pelas costureiras da Cova da Moura e elas também metem as etiquetas.

Sentes que a Bazofó & Dentu Zona envolve e deve envolver a sua comunidade em prol de prosperidade coletiva como um motivo principal?



Claro que sinto que a Bazofó & Dentu Zona envolve e tem a responsabilidade de envolver a comunidade. A participação de algumas pessoas na produção do vestuário como costureiras, e as atividades que fazemos como o mercado na zona com a participação de artistas do bairro e de outros bairros da mesma natureza é em prol da prosperidade coletiva. É só pelo coletivo que iremos valorizar a Cova da Moura e o que pertence à zona.



Fotos cedidas pelo Bazofó

Acreditas que este é um motivo que dá ferramentas à própria comunidade no sentido de serem cada vez mais autónomos e criarem os seus próprios projectos?

Já existem aqui outros projectos e iniciativas e muitos artistas, e eu sempre estou a aprender como os

outros. Também quero sempre partilhar o que tenho aprendido porque pode ser útil para outras pessoas também. Acho que a cena é a entajuda e aprendizagem mútua. Acho que é importante partilhar conhecimentos e envolver outras pessoas, dar e receber apoio. Planeia a tua cena e faz a tua cena.

facebook.com/bazofó

instagram.com/bazofó_dentuzona



Amorim

IDEIAS E PERSONALIDADES QUE VALEM A PENA

Malala Yousafzai

Malala Yousafzai é uma ativista paquistanesa, que ficou mundialmente conhecida como um símbolo pelos direitos da criança e da importância da educação.

Nascida a 12 de julho de 1997, no norte de Paquistão, Vale de Swat, filha de um professor e dono de uma escola, desde nova Malala mostrou grande interesse pelos estudos, algo que foi estimulado pelo pai que viu nela uma aluna brilhante.

Aos 11 anos de idade, Malala viu a sua região invadida por extremistas religiosos e a Sharia, lei islâmica sendo imposta. Sob o governo paralelo da milícia fundamentalista, as escolas foram obrigadas a fechar as portas e a consequência para quem não desobedecia era morte. Foi nesse momento que começou a luta da Malala contra as injustiças para com as crianças, principalmente as mulheres.

Sobre o pseudônimo de Gul Makal, começou escrever e a relatar o seu dia a dia num diário, onde defendia o direito das raparigas de frequentar a escola e da importância da educação acabando por ter uma visibilidade mundial e tornando-se assim porta-voz da causa - O Direito à Educação.

A 9 de outubro de 2012, com 15 anos de idade, um regresso da escola foi marcado por um infame atentado, onde Malala é baleada na cabeça três vezes, mas apesar da gravidade dos ferimentos Malala sobrevive. Após este triste episódio, a sua família por razões óbvias de segurança, opta por mudar-se para Inglaterra em busca de exílio e tratamento, país onde residem atualmente.

No discurso na ONU, numa plateia de representantes de mais de 100 países e a frente do mundo, Malala declarou poderosas palavras mais uma vez:

“Nossos livros e canetas são as armas mais poderosas. Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo. Educação é a única solução”

Encontra-nos!



AssociacaoBueFixe



AssociacaoBueFixe



associacaobuefixe.pt



Bué Fixe TV



(+351) 933 250 983

Envia-nos para grupobuefixe@gmail.com

um conteúdo com curiosidades, atualidades, artes, etc. Para destacarmos nas nossas edições futuras.

